

EXAME FINAL NACIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO

Prova Escrita de Português

12.º Ano de Escolaridade

Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho

Prova 639/1.ª Fase

8 Páginas

Duração da Prova: 120 minutos. Tolerância: 30 minutos.

2016

VERSÃO 2

Indique de forma legível a versão da prova.

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitida a consulta de dicionário.

Não é permitido o uso de corretor. Risque aquilo que pretende que não seja classificado.

Para cada resposta, identifique o grupo e o item.

Apresente as suas respostas de forma legível.

Ao responder, diferencie corretamente as maiúsculas das minúsculas.

Apresente apenas uma resposta para cada item.

As cotações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

Nos termos da lei em vigor, as provas de avaliação externa são obras protegidas pelo Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos. A sua divulgação não suprime os direitos previstos na lei. Assim, é proibida a utilização destas provas, além do determinado na lei ou do permitido pelo IAVE, I.P., sendo expressamente vedada a sua exploração comercial.

GRUPO I

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

A

Leia o texto.

Está a falar sozinha. Já o estava, possivelmente, antes de surgir no palco.

MATILDE

Ensina-se-lhes que sejam valentes, para um dia virem a ser julgados por covardes!

Ensina-se-lhes que sejam justos, para viverem num mundo em que reina a injustiça!

Ensina-se-lhes que sejam leais, para que a lealdade, um dia, os leve à forca!

(Levanta-se)

Não seria mais humano, mais honesto, ensiná-los, de pequeninos, a viverem em paz com a hipocrisia do mundo?

(Pausa)

Quem é mais feliz: o que luta por uma vida digna e acaba na forca, ou o que vive em paz com a sua inconsciência e acaba respeitado por todos?

(Encaminha-se para uma cómoda velha que surge, iluminada, à sua esquerda.)

Fala com rancor.

Se o meu filho fosse vivo, havia de fazer dele um homem de bem, desses que vão ao teatro e a tudo assistem, com sorrisos alarves, fingindo nada terem a ver com o que se passa em cena!

(Pausa)

Fala com determinação. Está a tentar convencer-se a si mesma.

Havia de lhe ensinar a mentir, a cuidar mais do fato que da consciência e da bolsa do que da alma.

(Abre uma gaveta da cómoda e tira dela um uniforme velho de Gomes Freire)

Se o meu filho fosse vivo... Havia de morrer de velhice e de gordura, com a consciência tranquila e o peito a abarrotar de medalhas!

(Coloca o uniforme de Gomes Freire sobre a cadeira)

Olha para o uniforme dando a entender que já não estava a falar do filho, mas do próprio Gomes Freire.

Tudo isso o meu homem poderia ter tido...

(Acaricia o uniforme)

Se tivesse sido menos homem...

(Pausa)

Podíamos estar, agora, aqui, ouvindo os pregões que soam a cantigas, lá fora, na rua...

(Pausa)

Abríamos a janela ao sol da manhã e aquecíamos-nos os dois...

(Pausa)

Ele dava-me a mão, eu dava-lhe a minha, e ficávamos, para aqui, a conversar...

Falávamos das batalhas em que ele andou...

<p>Relembrávamos o nosso hotel de Paris... os passeios que dávamos ao longo do Sena... os dias felizes que passámos juntos... o tempo em que sonhávamos voltar a esta malfadada terra... <i>(Passa a mão pelo uniforme com ternura)</i> Podíamos viver aqui esquecidos dessa gente que o odeia. 45 <i>(Encaminha-se para a esquerda do palco)</i> Era tão fácil... Tão mais fácil que tudo isto... <i>(Faz o gesto de fechar uma janela)</i> Fechávamos as janelas. Trancávamos a porta. Era como se estivéssemos outra vez lá fora, longe das intrigas mesquinhas em que esta gente se perde e perde a vida... 50 <i>(Pausa)</i> Mas não pôde ser e, agora, estou sozinha. Sozinha e rodeada de inimigos numa terra hostil a tudo o que é grande, numa terra onde se cortam as árvores para que não façam sombra aos arbustos... 55 <i>(Começa a chorar)</i> Tenho o corpo no Rato e a alma em S. Julião da Barra, mas enquanto houver vida nestas pernas cansadas... e força nestas mãos que Deus me deu... <i>(Endireita-se. Parece crescer no palco)</i> 60 Enquanto tiver voz para gritar... Baterei a todas as portas, clamarei por toda a parte, mendigarei, se for preciso, a vida daquele a quem devo a minha! <i>(Cai de joelhos, com os braços em torno da cadeira e, soluçando, enterra a cabeça no uniforme de Gomes Freire. Pela esquerda do palco surge António de Sousa Falcão.)</i> 65</p>	
--	--

A partir desta frase a entoação torna-se vigorosa e, até, violenta.

Luís de Sttau Monteiro, *Felizmente Há Luar!*, 5.ª ed., Lisboa, Edições Ática, 1963, pp. 92-96

1. Explique o sentido quer das antíteses quer das interrogações retóricas presentes no início do monólogo de Matilde (linhas de 1 a 14).
2. Entre as linhas 23 e 51, verifica-se uma alteração no estado de espírito de Matilde. Explícite essa alteração e relacione-a com as referências ao uniforme de Gomes Freire.
3. Interprete as seguintes palavras de Matilde, tendo em consideração o contexto em que são proferidas: «numa terra onde se cortam as árvores para que não façam sombra aos arbustos...» (linhas 54 e 55).

B

Leia o soneto.

Oh! como se me alonga, de ano em ano,
a peregrinação cansada minha!
Como se encurta, e como ao fim caminha
este meu breve e vão discurso humano!

5 Vai-se gastando a idade e cresce o dano;
perde-se-me um remédio, que inda tinha;
se por experiência se adivinha,
qualquer grande esperança é grande engano.

10 Corro após este bem que não se alcança;
no meio do caminho me falece,
mil vezes caio, e perco a confiança.

Quando ele foge, eu tardo; e, na tardança,
se os olhos ergo a ver se inda parece,
da vista se me perde e da esperança.

Luís de Camões, *Rimas*, edição de Álvaro J. da Costa Pimpão, Coimbra, Almedina, 2005, p. 129

4. Nas duas quadras, o sujeito poético reflete sobre os efeitos da passagem do tempo na sua vida.

Refira quatro dos aspetos que integram essa reflexão.

5. Relacione o sentido do verso «qualquer grande esperança é grande engano» (v. 8) com o conteúdo dos dois tercetos.

GRUPO II

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta.

Escreva, na folha de respostas, o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

Leia o texto. Se necessário, consulte as notas.

A ciência tem hoje tantas e tão úteis aplicações nas nossas vidas que a associação mais imediata que o cidadão comum faz hoje à ciência não pode deixar de ser a tecnologia. Essa associação, embora não diga o essencial sobre a ciência – que é acima de tudo a descoberta do mundo pelo homem –, não deixa de ser adequada. A tecnologia precedeu a ciência – isto é, o fazer antecipou o saber – mas, na modernidade, toda a tecnologia passou a derivar da ciência – o saber passou a ser a única fonte do fazer.

As aplicações da ciência não se fazem sem riscos. Aliás, nada na vida humana se faz sem risco. Não existe risco zero: é inevitável que vivamos permanentemente sob ameaças. Há que distinguir, na análise dos riscos, entre aquilo que são azares, eventos naturais desfavoráveis (que, nas antigas apólices de seguro, se chamavam «atos de Deus»), e erros, que resultam de falhas humanas (*errare humanum est*), que podem ir desde o insuficiente cuidado no planeamento até uma ação dolosa, passando por um acidente involuntário. Se os azares não podem ser evitados, os erros podem e devem, tanto quanto possível, ser prevenidos. É decerto virtuosa a aprendizagem que podemos fazer a partir deles. A ocorrência de um certo erro deve despoletar medidas para evitar situações do mesmo tipo. Podemos continuar a errar, mas os novos erros serão menores e, sobretudo, diferentes. A ciência, através do seu moderno braço armado que é a tecnologia, protege-nos dos riscos inerentes à natureza e minimiza os riscos originados por ações humanas. Se é certo que os avanços da ciência, ao possibilitarem novas intervenções do homem no mundo, geram riscos, não é menos verdade que a ciência, a aplicação correta do método científico, ainda é o melhor instrumento de que dispomos para errar cada vez menos.

Como medir o risco? A ciência quantifica normalmente o risco usando a noção de probabilidade. Contudo, a noção de probabilidade não é de fácil apreensão pelo comum das pessoas. Muitos passageiros, mesmo sabendo do baixo risco de fatalidade (0,0000185 por cento), têm medo quando entram num avião. O nosso cérebro tem dificuldade em avaliar riscos.

O risco, correta ou incorretamente percecionado, está por todo o lado nas nossas vidas, sendo várias as interrogações que se podem colocar em face dele. A ciência traz-nos constantemente novos riscos, assim como maneiras de os minimizar.

Qual é então o valor da ciência? E quais são os perigos da ciência? De facto, a ciência como processo intelectual de descoberta do mundo é inofensiva. É melhor saber do que não saber. Mas a atividade que o homem exerce ou pode exercer no mundo, uma vez em posse do conhecimento científico, é sempre arriscada.

Carlos Fiolhais, «Aprendendo com os erros», *XXI, Ter Opinião*, Fundação Francisco Manuel dos Santos, n.º 5, jul.-dez. 2015 (adaptado)

NOTAS

dolosa (linha 12) – fraudulenta; que causa prejuízo conscientemente.

errare humanum est (linha 11) – expressão latina que significa *errar é humano*.

1. Na atualidade, a associação entre a ciência e a tecnologia caracteriza-se pelo facto de esta última
 - (A) resultar da ciência.
 - (B) legitimar a ciência.
 - (C) anteceder a ciência.
 - (D) divergir da ciência.

2. Segundo o autor do texto, ao contrário dos erros, os azares
 - (A) diminuem com o avanço científico.
 - (B) resultam da ação humana.
 - (C) podem ser prevenidos.
 - (D) são incontornáveis.

3. O exemplo apresentado no terceiro parágrafo evidencia a ideia de que
 - (A) a perceção do risco tem uma vertente psicológica inquestionável.
 - (B) é impossível fazer o cálculo do risco de cada situação.
 - (C) o medo resulta diretamente do conhecimento da probabilidade de risco.
 - (D) é imprescindível calcular a probabilidade de risco de cada situação.

4. Do ponto de vista do autor, os «perigos da ciência» (linha 30) decorrem
 - (A) do processo intelectual próprio da ciência.
 - (B) do uso dos conhecimentos científicos.
 - (C) da excessiva valorização da ciência.
 - (D) da posse do saber científico pelo homem.

5. Nas expressões «protege-nos dos riscos» (linha 17) e «A ciência traz-nos constantemente novos riscos» (linhas 28 e 29), os pronomes pessoais desempenham as funções sintáticas de
 - (A) complemento direto, em ambos os casos.
 - (B) complemento indireto, em ambos os casos.
 - (C) complemento indireto e de complemento direto, respetivamente.
 - (D) complemento direto e de complemento indireto, respetivamente.

6. O uso das palavras «dele» (linha 28) e «os» (linha 29) contribui para a coesão
- (A) frásica.
 - (B) lexical.
 - (C) referencial.
 - (D) aspeto-temporal.
7. O último parágrafo do texto é predominantemente
- (A) expositivo.
 - (B) argumentativo.
 - (C) narrativo.
 - (D) descritivo.
8. Classifique a oração iniciada por «que» (linha 1).
9. Identifique o valor da oração subordinada adjetiva relativa presente nas linhas 3 e 4.
10. Refira a função sintática desempenhada pela oração subordinada presente em «é inevitável que vivamos permanentemente sob ameaças» (linha 8).

GRUPO III

«Ante os múltiplos desafios do futuro, a educação surge como um trunfo indispensável à humanidade na sua construção dos ideais da paz, da liberdade e da justiça social.»

Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, 1998, p. 11

Num texto bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas palavras, defenda um ponto de vista pessoal sobre a ideia exposta no excerto transcrito.

Fundamente o seu ponto de vista recorrendo, no mínimo, a dois argumentos e ilustre cada um deles com, pelo menos, um exemplo significativo.

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (ex.: /2016/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – entre duzentas e trezentas palavras –, há que atender ao seguinte:
 - um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 5 pontos) do texto produzido;
 - um texto com extensão inferior a oitenta palavras é classificado com zero pontos.

FIM

COTAÇÕES

Grupo	Item	
	Cotação (em pontos)	
I	1. a 5.	
	5 × 20 pontos	100
II	1. a 10.	
	10 × 5 pontos	50
III	Item único	
		50
TOTAL		200